

Maternidade SEM TABU

Quando o sonho de ser mãe não se dá pelas vias tradicionais, contar ao filho sobre suas origens não é tarefa das mais fáceis – e o êxito pode estar justamente em tirar o peso da questão

Lila de Oliveira

"Mãe, vai buscar um irmão pra mim?" Era assim que Breno expressava à mãe, Edna Bussotti, sua vontade de ganhar um irmãozinho. Desde os seus 20 dias de vida, quando foi adotado, ele já ouvia que tinha sido escolhido pelos pais e que era muito amado por eles. "Sempre dissemos que ele não veio da minha barriga, mas que fomos buscá-lo quando nasceu", conta Edna.

A naturalidade com que o assunto foi tratado abriu caminho para que Breno fizesse seus primeiros questionamentos ainda com 2 anos. "Ele é natural de outro estado e, de vez em quando, pede para eu lembrá-lo do nome da cidade onde nasceu. Então eu falo, ele se dá por satisfeito e muda de assunto", diz. Hoje, aos 6 anos, Breno já fala sobre isso com outras pessoas.

Edna, que também é mãe de Yasmin, 1 ano, gosta de usar o termo "filhos do coração" e costuma falar da origem dos pequenos também quando eles assistem a filmes que, de alguma maneira, abordam a temática, como *O Pequeno Stuart Little*, que narra a história de um rato adotado por uma família humana.

Para ela, a experiência de falar, mesmo que de forma lúdica e ponderada, é sempre a melhor.

Na opinião da psicóloga Eliane Rogivatti Gasparini, do Instituto Paulista de Ginecologia, Obstetrícia e Medicina da Reprodução, (IPGO) essa sem dúvida é a única saída, tanto para as mães adotivas como para aquelas que realizaram o sonho da maternidade graças à doação de óvulos ou sêmen. "Até porque, as crianças são muito intuitivas e sensíveis. E, se descobrirem a verdade sobre sua história de outra forma que não seja pela mãe ou pelo pai, aí, sim, o estrago pode ser grande", supõe.

Para a psicanalista Mônica Donetto Guedes, a criança tem o direito de conhecer sua história, independentemente da forma pela qual chegou até seus pais. "Alguns podem pensar que não falar a verdade é uma forma de preservar a criança, mas não acho que a omissão irá resguardá-la", afirma. "E, quando essa criança cresce em uma família que trata a questão de um jeito tranquilo, sem fantasmas, dificilmente terá problemas quanto à sua origem. Não falar é que pode gerar um trauma", acredita.

O lado dos pais

Para que o filho seja bem resolvido quanto à sua origem, o primeiro passo deve ser dado muito antes da sua chegada à família. A decisão pela adoção ou pela reprodução assistida precisa ser muito bem pensada, pois, embora culturalmente estejamos mais abertos e as famílias não convencionais sejam hoje mais aceitas do que eram antes da década de 1990, emocionalmente é um processo complexo.

Há muitas fantasias que envolvem tanto a maternidade quanto a paternidade. "Às vezes, permanece o desejo inconsciente da maternidade convencional, misturado a um sentimento de frustração. Então, esses pais precisam estar certos de que a vontade de ter filhos é muito maior que qualquer estigma social", avalia Fernando Silva Teixeira Filho, do Departamento de Psicologia da Unesp de Assis (SP). Ele sugere que as famílias se refiram à pessoa que cuida da criança como mãe (ou pai) e àquela que gerou como genitora. "Assim, guarda-se um respeito por aqueles que colaboraram para que a criança nascesse, mas pai e mãe serão sempre lembrados como aqueles que cuidaram dela", analisa o psicólogo. "Se a mãe entendeu que a possibilidade de ser mãe não depende do modo como a criança nasce, se ela internalizou a ideia de que ser mãe vai além de qualquer modelo de nascimento, tudo fica mais fácil", endossa Mônica Guedes.

Essa noção de maternidade sempre esteve muito clara para Joceny Tavares, que, por causa de uma síndrome que afeta o útero, precisou optar por um procedimento chamado útero de substituição, popularmente conhecido como "barriga de aluguel". A técnica consiste em coletar os óvulos da mãe e os espermatozoides do pai e, por meio da fertilização *in vitro*, formar os embriões. "Estes são transferidos para o útero da mulher que irá gestar o bebê", esclarece Edilberto de Araújo

Filho, diretor do Centro de Reprodução Humana de São José do Rio Preto (SP).

Joceny escolheu a irmã, Jocely, para receber seus embriões. Ela frisa que tudo foi muito bem pensado desde o primeiro momento. "Pesamos os riscos, os prós e os contras e minha irmã se dispôs a fazer três tentativas. Ela já tinha um filho e estava tranquila em relação à questão do apego. Sempre se viu como uma coadjuvante, e eu sabia que aquela era a minha chance de poder me tornar mãe", lembra. Tudo correu bem e Jocely gerou as sobrinhas Joelle e Jamile, hoje com 5 anos. Durante a gravidez, Joceny tirava fotos beijando a barriga da irmã e, agora, as imagens ajudam-na a reviver a história com as filhas. "Expliquei a elas que, como não consegui engravidar, o médico colocou as sementinhas da mamãe e do papai na barriga da titia, e elas acharam muito legal", conta.

No caso de Vivian Florio, que, com sua companheira, Camila Souza, adotou Laura e Nicolas – hoje com 5 e 2 anos, respectivamente –, a ideia de que para ser mãe não é necessário gerar a criança vem desde a infância. "Não sei explicar o motivo, mas desde criança eu falava em adoção. Nunca tive o sonho de ser mãe biológica", diz Vivian. "E, como nós sempre tivemos em mente que a adoção é uma maneira muito positiva de formar uma família, não faria sentido tratar o tema como tabu. Sempre contamos historinhas sobre adoção, usando o lúdico para falar de amor."

Como e quando falar

Não existe uma fórmula mágica. "Às vezes, racionalmente, a criança até tem condições de entender a questão, mas nem sempre é capaz de absorver isso do ponto de vista emocional", afirma Eliane Gasparini.

"Não é uma conversa fácil, claro, mas explicar que o papai e a mamãe fizeram sexo também não é tão simples assim", pondera o psi-



PERSONAGENS DA VIDA REAL

PAIS E MÃES QUE REALIZARAM O SONHO DA FAMÍLIA PRÓPRIA RECORRENDO À ADOÇÃO OU A UTILIZAÇÃO DE SÊMEN OU ÓVULOS DOADOS

1 Vanessa Botelho optou pela produção independente e recorreu a um banco de sêmen para fazer a fertilização *in vitro* e gerar Maria Luiza, 5 anos.

2 Joceny Tavares, por causa de uma síndrome

que afeta o útero, recorreu à barriga da irmã, Jocely, para gestar Joelle e Jamile, 5 anos.

3 Vivian Florio e a companheira Camila Souza adotaram Laura, 5 anos, e Nicolas, 2. "Desde criança eu

falava em adoção. Nunca tive o sonho de ser mãe biológica", diz Vivian.

4 Ana Amélia Macedo, que adotou Helena, hoje com 10 anos, e Antonio, 13, fez questão de criar um álbum com a história de cada um.

5 Edna Bussotti, mãe de Breno, 6 anos, e Yasmin, 1, gosta de usar o termo "filhos do coração" e costuma falar da origem dos pequenos quando eles assistem a filmes que, de alguma maneira, abordam a temática.

Fotos: Acervo pessoal

CLAUDIA FILHOS 63

64 CLAUDIA FILHOS

CLAUDIA FILHOS 65

comportamento



BIBLIOTECA BÁSICA SOBRE ADOÇÃO E FERTILIZAÇÃO

É MAIS DO QUE NORMAL QUE PAIS QUE NÃO TIVERAM SEUS FILHOS PELAS VIAS TRADICIONAIS TENHAM MUITAS DÚVIDAS. ESTES TÍTULOS AJUDAM A SANÁ-LAS

1 Afinal de Contas, Que Cegonha é Essa?
Autor: Selmo Geber
Editora: Vieira & Lent

Escrito por Selmo Geber, médico da clínica Origen e professor de ginecologia e obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFMG, o livro ajuda a criança a entender as etapas da reprodução assistida.

2 Histórias de Adoção: As Mães

Autoras: Ana Amélia Macedo e Solange Diuana
Editora: Ana Amélia Macedo

Quando pensou em adotar o primeiro filho, Ana Amélia Macedo sentiu falta de livros que relatassem a experiência de mães adotivas. Para suprir a lacuna, decidiu publicar, com a psicóloga Solange Diuana, uma obra que reunisse depoimentos de 12 mães sobre a

decisão de adotar, o encontro com os filhos e a revelação da adoção, entre outros temas.

3 Um Bebê e 2 Cegonhas
Autor: Arnaldo Schizzi Cambiaghi
Editora: LaVidapress

Contada por um bebê de um jeito simples e com ilustrações bem-humoradas, a narrativa faz com que os filhos adotivos percebam o tratamento de reprodução assistida

como um ato de amor e generosidade de seus pais.

4 Bebê do Coração
Autora: Thelma Kracochansky Laufer
Editora: Callis

Importante instrumento para os pais iniciarem uma conversa sobre a adoção, o livro trata da questão com base na ideia de que os filhos adotivos foram escolhidos para ser parte de sua família.

cólogo Fernando. Os especialistas concordam que é preciso esperar o tempo da criança. "Em algum momento, ela irá questionar de onde veio. Nem sempre essa pergunta é clara, mas de um jeito ou de outro, ela será feita", atesta a psicanalista Mônica.

No caso da Laura, a dúvida surgiu quando sua professora revelou que estava com um bebê na barriga. "Ela me perguntou se com ela também tinha sido assim, então senti que era hora de dar mais detalhes. Expliquei que ela tinha nascido da barriga de outra moça, que estava doente e não podia cuidar dela. Então, o médico a levou para uma casa onde viviam outras crianças que não tinham mãe. Ali havia uma mulher cujo trabalho era procurar mães. Depois, contei coisas que vivenciamos com ela até trazê-la para casa. Ela ouviu tudo interessadíssima e quis saber a história do irmão", narra Vivian.

O questionamento da filha de Vanessa Botelho – Maria Luiza, 5 anos – veio a partir da constatação da ausência do pai. "Cadê meu pai?", perguntou à mãe, que optou pela produção independente e recorreu a um banco de sêmen para fazer a fertilização *in vitro*. "Eu sempre dizia que ele morava no nosso coração e, desde o primeiro momento, rezava com ela pedindo proteção a esse homem tão bom, que tinha a ajudado a nascer. Então disse que o papai dela havia deixado uma sementinha no hospital e que o médico a colocou na minha barriga, pois eu queria muito ser mãe", relata. A partir daí, Maria Luiza teve curiosidade em relação ao nome do pai, mas, como no Brasil as doações de sêmen são anônimas, Vanessa disse que não sabia, mas que ela podia lhe dar um nome – e ela escolheu o nome de um priminho. "O livro *Afinal de Contas, que Cegonha é Essa?* também me ajudou bastante. Ela adora", diz.

Além dos livros, há outros recursos que podem auxiliar os pais a narrar a história da chegada de seus filhos. No caso de Thais Musachi e Luciana Avelar – que também re-

correram ao banco de sêmen para ter seus filhos, Laura e Lucca, hoje com 3 anos –, o ponto de partida para a conversa foi a exibição do vídeo de seu nascimento. "Eles acharam o máximo e eu contei que o médico 'fez' os dois do tamanho de uma bolinha bem pequena e depois os colocou dentro da barriga da mamãe Lu", relembra Thais.

Algumas formas de contar

Já Ana Amélia Macedo, que adotou Helena, hoje com 10 anos, e Antonio, 13, fez questão de criar um álbum com a história de cada um. "Eu sempre falei que tinha ido buscá-los, resaltei que foram crianças muito desejadas e nunca escondi nada. Quando o Antonio tinha 3 anos, eu li o livro *Bebê do Coração* para ele e, então, ele pediu para eu lhe mostrar seu álbum. Ele sacou", conta.

"O álbum de família é interessante para os pais tentarem entender com seu filho quais as fantasias que ele tem sobre seu nascimento", opina o psicólogo Fernando Filho. Para Mônica Guedes, ter um material com a origem da criança, que ela possa manusear, é um excelente mecanismo para que, aos poucos, ela vá conhecendo e introjetando sua história. "Ao mexer naquele álbum e ouvir o que a mãe ou o pai têm a dizer, ela vai construindo a sua verdade sobre aquela história", comenta a psicanalista, que completa: "É natural que ela queira repetir essa ação e que faça várias vezes as mesmas perguntas. A resposta não vai mudar na sua essência, mas aos poucos a criança vai adquirindo uma maior capacidade de compreender aquela informação".

Também é recomendável responder somente o que a criança está querendo saber naquele momento, porque nem sempre ela vai ter capacidade de abstrair outras informações. "Muita coisa pode ficar sem sentido na cabecinha dela. Se ela não entender algo que foi dito, pode ficar angustiada e ansiosa", alerta Mônica Guedes. ■

CLAUDIA FILHOS 67